

## **A LITERATURA NA ESCOLA: PRAZER NA FORMAÇÃO – EXPERIÊNCIA EM LEITURA COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL 1ª FASE**

Marileide Alves Rocha  
Universidade de Brasília/ Instituto de Letras  
Pós-Graduação em Literatura  
Comunicação  
Cultura e processo educacionais

Como aplicação prática de uma experiência de leitura realizou-se o projeto Me (en) canta com um conto e eu aumento um ponto. Ele foi resultado de algumas ações implementadas que se desdobrou sobre a formação do leitor infanto-juvenil nas séries iniciais do ensino fundamental. Essas ações tiveram como parceiras entidades particulares e governamentais agindo complementarmente para despertar o gosto dos alunos pela leitura de forma prazerosa e, ao mesmo tempo, formar leitores/ contadores de histórias infantis e juvenis e ajudar no desenvolvimento da leitura. O projeto foi aplicado no primeiro semestre de 2005, 2006 e 2007 tendo como sujeitos crianças de 9 a 13 anos, pertencentes à rede pública de ensino de Goiânia e Senador Canedo. Os resultados com relação ao incentivo da leitura foram considerados bons, uma vez que o objetivo do projeto era incentivar a leitura de forma prazerosa.

Palavras-chave: leitura; literatura; Contação de histórias.

### **O projeto Me (en)canta com um conto e eu aumento um ponto**

O projeto foi resultado de algumas ações implementadas em pesquisa que se desdobrou sobre a formação do leitor infanto-juvenil nas séries iniciais do ensino fundamental. Essas ações tiveram como parceiras entidades particulares e governamentais agindo complementarmente para despertar o gosto dos alunos pela leitura de forma prazerosa e, ao mesmo tempo, formar leitores/ contadores de histórias infantis e juvenis e ajudar no desenvolvimento da leitura. O projeto foi aplicado no primeiro semestre de 2005 tendo como sujeitos crianças de 9 a 13 anos, pertencentes à rede pública de ensino de Goiânia, do 6º ano do ensino fundamental. Recebeu o nome de “Ciranda de leitura”, apoio do Grupo Gwaya – Contadores de Histórias da UFG. No segundo semestre do ano de 2005, ele foi desenvolvido, com 35 alunos da 5º e 6º anos das escolas públicas André Luis e Brasil 500 Anos do município de Senador Canedo. No ano de 2006 ele foi aplicado em crianças de 5 a 12 anos, na escola pública Moisés Santana do município de Goiânia.

Para desenvolver o projeto buscou-se realizar um trabalho pautado na dinâmica lúdica do processo pedagógico e no entendimento da leitura como prazer e fruição, tendo como parâmetro a formação do leitor/contadores de histórias.

Utilizou-se como material do trabalho o acervo bibliográfico disponível na escola na qual estava sendo desenvolvido o projeto, como também da professora envolvida.

O processo de leitura seguiu um ritual que envolveu a leitura de mundo, transferida e usada para a leitura convencional iniciando-se sempre pela capa do livro. Essa foi uma das formas encontrada para aguçar a curiosidade dos pequenos leitores para o conteúdo do livro, além de possibilitar a descoberta do assunto, autor, ilustrador e editora de forma lúdica. Em seguida a professora solicitava que cada aluno lesse seu

livro individualmente, explorando as ilustrações. Com essa atitude ela incentivava os alunos que não dominavam os signos a adquirem noção da história que ali estava escrita. Em seguida a docente fazia a leitura com todos acompanhando o texto, com isso ela se colocava como modelo de leitor a ser seguido pela turma. Depois dessa leitura havia sempre a leitura oral compartilhada, atendendo aqueles que queriam ler. Depois se faziam rodas de leitura de poesia e ensaios diários de histórias. Nesse processo de leitura e ensaios de contação de histórias a professora pôde perceber a mudança no comportamento das crianças com relação à melhoria da estima além da melhoria da fluência da leitura.

Os resultados conseguidos durante o desenvolvimento do projeto nos anos anteriores foram considerados bons, porque o objetivo era promover a leitura, e o prazer de ler. Isso foi conseguido, efetivamente, em todos os períodos, nos quais o projeto foi aplicado. Os indicadores utilizados para essa medição foram, o alto índice de procura de empréstimos de livros nas bibliotecas das escolas, nas quais os alunos estudavam, o aumento de solicitação de empréstimos dos livros do acervo pertencente ao Grupo Gwaya e a cobrança efetiva, tanto de alunos como de seus pais para que a direção da escola Moisés Santana liberasse os livros para as crianças lerem em casa com seus pais e para seus pais. A professora/pesquisadora considerou muito satisfatória essa cobrança, uma vez que seu objetivo maior era formar leitores.

Quanto à formação de contadores de histórias foi uma opção usada somente como atrativo para se formar leitores. Como essa atividade exige um tempo maior de dedicação, disciplina e esforço quase individualizado, o número de contadores de histórias, geralmente, é bem reduzido. Isso porque de acordo com Abramovich (1998) o trabalho de formação do contador de história infantil pode se iniciar com poesia que é mais fácil e o texto, é bem menor. Depois vêm as fábulas e contos. Algumas crianças, sujeitos da pesquisa, chegam à oficina com convicção de que não dão conta de memorizar os textos para contarem histórias. O trabalho é sempre iniciado com textos pequenos. É uma atividade metódica, porque o texto para ser memorizado requer certa paixão do leitor pelo texto escolhido, esse gosto pode ser ensinado, pois essa paixão não nasce de uma hora para outra. É necessário que o professor seduza o aluno para o mundo do texto. Também o trabalho de escolha, preparação e apresentação das histórias demandam certa obstinação, disciplina, ensaios constantes e esforço, tanto dos alunos, como a de seus pais e professores.

A Escola Moisés Santana em Goiânia é de tempo integral, atendendo alunos do Ciclo I e II, (pré-escola a 5ª série do ensino fundamental 1ª fase) num total de 200 estudantes de uma região considerada carente. Nesse espaço, se consolidou os objetivos de formar leitores e despertar o interesse pela leitura de forma prazerosa.

Quando comecei o trabalho recebi um comunicado de que os livros não poderiam ser entregues para as crianças como empréstimos e que na biblioteca elas não poderiam manuseá-los e nem escolhê-los livremente para não estragá-los. O manuseio estava condicionado ao trabalho de conscientização de preservação do livro, e após a liberação por parte da direção da escola. A conscientização de preservação do livro foi feita, mas a direção da escola achou por bem não liberar os livros para empréstimos.

Pude observar durante o decorrer das aulas que grande parte das crianças não sabia e não queria ler: primeiro, porque tinham a estima muito baixa; segundo porque não tinham oportunidade de manusear o livro com objetivo simples de ler por prazer, sem cobrança didática específica. Como precisava atender toda escola e tinha dificuldades com o trabalho, devido às crianças não saberem ler e serem extremamente indisciplinadas, pedi que me dessem oportunidade para trabalhar como voluntária numa tarde. Aí nasceu o projeto **“Me (en)canta com um conto e eu aumento um ponto”**.

Nele pude trabalhar a leitura com fins de formar leitores e pequenos contadores de histórias.

Foi um trabalho árduo, pois, como voluntária no turno vespertino, não podia usar a biblioteca da escola. Eu possuía um acervo pequeno de livros e muitos não eram adequados à faixa etária com a qual estava trabalhando. Mas foram tardes produtivas com relação à leitura, porém com sérias dificuldades para formar contadores de histórias porque, apesar de prazerosa, é uma atividade que requer longas horas de preparo. Logo, de um total de 200 alunos só consegui seduzir um grupo pequeno de 11 alunos, de turmas e idades variadas, abrangendo 07 a 10 anos.

Eles se tornaram contadores de histórias. O desafio maior foi convencer a coordenação de que o grupo existia, tanto como leitores como contadores de histórias. E isso foi conseguido com relação à leitura porque observamos um dado positivo: os pais e seus filhos passaram a pressionar a direção da escola para liberar empréstimos de livros. Começou a cobrança dos pais dos contadores de histórias para que a escola cedesse espaço para que os filhos mostrassem o resultado do trabalho. Os pais notaram que os filhos ficavam horas ensaiando em casa. Percebemos, também, que alguns exemplares de livros começaram a desaparecer da biblioteca, apesar de toda vigilância, tanto da professora, como dos funcionários. A direção resolveu dar uma oportunidade ao grupo e a apresentação da primeira seção de histórias foi um sucesso, tanto de público como de desempenho. A partir desse dia o grupo passou a ser convidado para apresentações em órgãos públicos, aí a pressão aumentou sobre o trabalho de formação dos contadores de histórias porque muitos educadores achavam que não havia contribuição para o aprendizado formal, eles achavam que os alunos estavam dando maior importância a contação de histórias do que os conteúdos pragmáticos.

Então, as aulas de leitura, no período da tarde, cederam lugar ao reforço, e os ensaios das histórias passaram a ser no turno matutino, no intervalo do recreio, durante 15 minutos, na biblioteca. O número de contadores de histórias se reduziu para seis alunos, porque algumas crianças não queriam perder o recreio e os textos para serem trabalhados já estavam mais longos. As exigências e responsabilidades aumentaram. O grupo então ficou fixo e se autodenominou de “Raio de Sol”. Ele fez várias apresentações, inclusive, em órgãos oficiais estaduais. O encerramento do projeto se deu no mês de dezembro, no Bosque dos Buritis, em Goiânia, numa manhã de dezembro, sem a presença da direção da escola, sem o apoio da coordenação, mas com o apoio incondicional dos pais.

No ano de 2007 o projeto foi desenvolvido numa escola de 1º grau, 1ª fase, do ensino fundamental Brasil 500 Anos, município de Senador Canedo, numa turma de 30 alunos. A quantidade de crianças e a variedade das séries surgiram da necessidade de ajudar as professoras com aqueles alunos que consideram extremamente problemáticos com relação à aprendizagem e que não conseguiam acompanhar o desenvolvimento da turma. As aulas de leitura serviam como incentivo para que o trabalho pedagógico pudesse também ser beneficiado, pois, a formação do leitor através de uma leitura prazerosa acabava atuando como suporte na formação do leitor/contador de histórias, contribuindo para a melhoria da postura do aluno frente à aquisição de conhecimento tanto de mundo, como dos conteúdos pragmáticos.

Ficava visível a melhora da postura e a estima do aluno frente aos acontecimentos. O trabalho foi voluntário, porque, embora seja professora da rede, atuava na 2ª fase do ensino fundamental, no período noturno em outra escola. Por isso, o trabalho foi realizado uma vez por semana, as segundas-feiras, das 13 às 16 h. A comunidade escolar era extremamente carente, porém os pais, o corpo docente e principalmente a direção da escola oferecia todo apoio: os pais assegurando a presença

dos filhos, as professoras incentivando durante as aulas e a direção apoiando com o pouco material que possuía. A escola não tinha biblioteca, nem quadra de esporte. Mas era pequena e a comunidade cuidava com muito carinho, oferecendo muitas vezes até tinta para que fosse mantida limpa, contribuindo para o bem estar dos alunos. No início do projeto houve muita dificuldade, pois algumas crianças não eram alfabetizadas, mas estava esperançosa.

Refletindo sobre o trabalho de formação de contadores de histórias, através da leitura, uso as palavras da professora Abramovich (2003), quando ela diz que toda leitura vem envolvida pelo mundo mágico das histórias que acontece desde quando se é bebê, geralmente ouvindo as cantigas de ninar que a mamãe canta, ou ouvindo uma história bonita de fadas nas noites enluaradas ou de terror, antes de se adormecer. Essas histórias antigamente eram inventadas ou adaptadas. Serviam para explicar as coisas do mundo real que os pequenos não entendiam.

Quando as crianças crescem, elas mergulham no mundo fantástico da leitura. Um mundo cheio de fantasias, de muitas histórias comoventes. Por isso, ler tem muitas definições, mas aqui cabe exatamente a da escritora Fanny Abramovich quando ela diz: *Ler significa abrir todas as portas para se entender o mundo através dos olhos dos autores e da vivência das personagens. Ler é um prazer único.*

Também o contar histórias tem essa conotação da leitura, porque quando estamos narrando aquilo que lemos para alguém ouvir, estamos falando de um mundo visto através dos olhos de um autor. Estamos usando uma fórmula mágica de sorrir, chorar, perder e vencer junto com as situações vividas pelas personagens. Estamos trabalhando junto com a idéia do conto ou com o jeito de escrever desse autor. Estamos sendo seus cúmplices e cúmplices desse momento de entrega que é o contar uma história, tanto na forma escrita como oral.

O narrador quando conta uma história, está provocando o imaginário de quem o ouve, ajudando a resolver questões. A narrativa oral permite ao ouvinte sentir que as dificuldades são esclarecidas, vividas, sentidas, enfrentadas. Por outro lado, contando uma história, o narrador pode sentir e passar emoções importantes, como tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem o está escutando ou lendo. Pois é ouvindo, sentindo e enxergando com os olhos do imaginário, que se consegue transpor e mudar a postura da criança, enquanto ser histórico, para que ela possa transformar o meio no qual vive (Held, 2002). Contar histórias para crianças e adolescentes na contemporaneidade pode ser considerado um exercício que requer habilidade e sedução. Na era virtual o narrador de histórias necessita de técnicas para amparar o ato de narrar a fim de competir com os meios de comunicação e entretenimento de alta definição tecnológica.

Com relação à literatura na formação do leitor, Regina Zilberman assegura que a literatura infantil quando atua nessa área, pode substituir o adulto, até com mais eficiência, quando o leitor não a está utilizando para resolver exercícios pragmáticos em aula, ou utiliza a literatura por puro prazer, como foi o caso das crianças do projeto mencionado acima. Isso ocorre uma vez que a literatura ocupa a lacuna na qual os adultos não estão autorizados a interferir; essa lacuna surge nos momentos em que as crianças e os adolescentes usam a fantasia nas atividades que lhes causam prazer. No caso da utilização da literatura no projeto, provou-se a utilidade desse texto de arte, pois ela se tornou um espaço no qual a criança pode refletir sobre a sua condição pessoal, através do uso do imaginário proporcionado pelo estudo da literatura infantil e juvenil mesmo dentro da escola como atividade lúdica em sala de aula.

## **REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA**

ABRAMOVICH, Fanny. *Gostosuras e Bobices*. São Paulo: Scipione, 1998.

HELD, Jacqueline. *O Imaginário no poder*. São Paulo: Summus, 2002.

ZILBERMAN, Regina. *A Literatura Infantil na Escola*. São Paulo: Global, 2003.